

media

Escola Secundária Manuel da Fonseca
BOLETIM DA MEDIATECA - nº 3 - Abril 2008

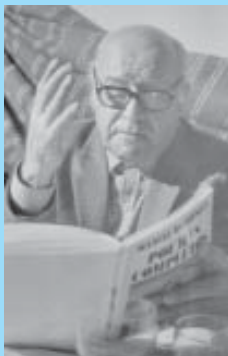
2 Editorial

3 **Manuel da Fonseca**
Apontamento biográfico

4 **O Escritor igual ao Homem**
Uma visão pessoal de Artur da Fonseca

4 **Descobrir Manuel da Fonseca**
Poemas (re)escritos por alunos

8 **Em destaque**
Novidades na Mediateca



EDIÇÃO ESPECIAL
dedicada a
Manuel da Fonseca

Escola Secundária
Manuel da Fonseca
Estrada de Santa Cruz
7540-121 Santiago do Cacém
tel. 269750080 fax. 269750088
www.esec-manuel-fonseca.rcts.pt
mediateca@esec-manuel-fonseca.rcts.pt

Manuel da Fonseca Um apontamento biográfico

Manuel Lopes da Fonseca nasceu em Santiago do Cacém, em 15 de Outubro de 1911, filho de Carlos Augusto da Fonseca e Maria Silvina Lopes.

Residiu em Santiago do Cacém até completar a instrução primária e terá sido nesta fase que, por influência do pai, ganhou gosto pela leitura e pela escrita.

Por volta dos 10 ou 11 anos, começou a escrever sobre o que via e sentia. É desta altura, uma poesia sobre os moinhos das Cumeadas “com as suas velas girando e gemendo”, o seu “choro que nunca mais parava”. Ainda por esta altura, escreveu também crónicas sobre o mar, tema frequente na sua escrita. P3



Manuel da Fonseca, no início da década de 40

O dia em que Sócrates vestiu jeans Uma viagem ao mundo das ideias



Ben Warner, um típico adolescente a passar umas férias de Verão enfadonhas, surpreende-se quando Lila, uma mulher jovem e atraente, lhe faz um bizarro convite. Embora tentado, Bem sente-se inseguro. E tem razões para isso!... Lila quer levá-lo para o Mundo das Ideias, um lugar completamente desconhecido para Bem. Mas Lila tem uma missão. O seu chefe, Sócrates, presidente do Mundo das Ideias – cargo que mantém há 1209 anos – fez uma aposta com o seu arqui-rival Wittgenstein. Para a ganhar e manter o seu cargo, Sócrates terá de fazer crer a Ben que a filosofia pode melhorar a sua vida.

Convidamos a comunidade educativa a descobrir este e outros livros, recentemente colocados à disposição dos utentes da Mediateca. P8

Educação para a Cidadania

no site da Mediateca

A escola é não só um local de aprendizagem mas, também, um espaço de convivência e cooperação.

A educação para a cidadania é uma área transversal que permite, em contextos disciplinares ou extracurriculares, abordar muitas temáticas nas áreas dos direitos humanos, da educação ambiental ou da educação para a saúde, por exemplo. Neste contexto a Mediateca deve assumir-se como espaço potenciador de abordagens, colocando à disposição dos utentes materiais de apoio, nos mais variados suportes.

Existem recursos disponíveis na Mediateca que podem ser utilizados pelos membros da comunidade educativa. No endereço <http://www.esec-manuel-fonseca.rcts.pt/mediatec.htm> estão disponíveis sugestões de exploração pedagógica de filmes, livros e artigos de revistas. Aqui ficam dois exemplos. ■

C. M.



Livro, em banda desenhada que apresenta várias histórias que pretendem alertar para a discriminação e o racismo. Apresenta, ainda, uma sistematização de medidas da União Europeia, neste âmbito, e uma descrição de conceitos como *discriminação*, *esteriotipar* ou *preconceito*.

Racista Eu? Serviço de Publicações Oficiais da Comunidade Europeia, 1998, 32p. [Cota: 342.7 RAC]

Foram feitos na escola pequenos filmes sobre esta temática, retiradas deste livro, e estão disponíveis *on-line*.

“Todos os seres humanos nascem livres em dignidade e em direitos [...] sem distinção alguma, nomeadamente de raça, cor, sexo, língua, religião, opinião política ou outra, origem nacional ou social, de nascimento ou de qualquer outra situação...”

Artº 1 e 2 da **Declaração Universal dos Direitos do Homem**

Editorial

Após um longo período de interrupção, a equipa da Mediateca retoma agora a edição deste boletim, esperamos que com maior regularidade.

Pretendemos dar notícia das actividades da Mediateca, chamar a atenção para os recursos existentes, para que este espaço seja encarado como núcleo da organização pedagógica da escola: um centro de recursos educativos multimédia (a utilizar para actividades quotidianas de ensino, para actividades curriculares não lectivas ou para ocupação de tempos livres e de lazer), ao dispor de alunos, de professores, de funcionários e de outros elementos da cidade e do meio.

Neste número damos a conhecer um pouco melhor o nosso patrono - Manuel da Fonseca. Aqui publicamos um texto inédito de Artur da Fonseca - um olhar muito pessoal sobre a vida e a obra do seu irmão. Os alunos foram, também, convidados a partilhar visões/reinterpretações de alguns poemas. Pretendemos, em futuros números, continuar a contar com a colaboração dos alunos e professores, num esforço de promoção da leitura e da escrita. ■

C. M.



A Promessa, de Luc e Jean-Pierre Dardenne, Bél./Fra./Lux. 1996, 93 min. [Cota: 744.4 DAR PRO]

História de um adolescente, Igor, que ajuda o pai a gerir um estaleiro de obras cheio de imigrantes ilegais. A sua vida vai mudar abruptamente quando o seu pai deixa morrer Hamidou, um emigrante africano que cai de um andaime. Antes de morrer, o homem pede a Igor que prometa tomar conta da sua mulher e do seu filho.

Este filme é uma história de solidariedade e encontro de culturas, numa Europa onde a exploração dos emigrantes, o racismo e a xenofobia crescem cada vez mais.

FICHA TÉCNICA

Edição: Equipa da Mediateca

Redactores: Cipriano Mendes, Ana Cristina Ascenso

Grafismo e paginação: Cipriano Mendes

Impressão: Reprografia da Escola Sec. Manuel da Fonseca.

Manuel da Fonseca

Após uma infância vivida em Santiago do Cacém, Manuel da Fonseca prosseguiu os estudos em Lisboa, primeiramente no colégio Vasco da Gama, posteriormente



Manuel da Fonseca com 3 anos de idade

no Liceu Camões (onde foi colega de Álvaro Cunhal), na Escola Lusitânia e, finalmente, na Escola de Belas-Artes que abandonou nos primeiros anos para se dedicar à literatura.

Apesar do seu fascínio pela cidade de Lisboa, onde gostava de vaguear sem destino, sentiu sempre o apelo do Alentejo, do seu Alentejo e as férias passava-as em Santiago na casa dos avós e, mais tarde, na casa de uma tia.

Em 1925, surgiram, num jornal de Santiago do Cacém, poesias e narrativas suas que a tia encontrou, numa gaveta da secretária onde costumava estudar, e mostrou ao director do referido jornal que as publicou.

O seu primeiro livro – *Rosa dos Ventos* (poesias) – saiu em 1940 e a sua publicação, que custou 805\$00, foi paga por escritores seus amigos: Alves Redol, Mário Dionísio e Piteira Santos. A partir daí, foram surgindo com intervalos, por vezes de alguns anos, as outras obras até às *Crónicas Algarvias* (contos) - 1986, último livro publicado em vida do autor.

A sua obra mostra-nos a alma alentejana, homens desafortunados, com os seus problemas de amor, de ódio, de honra. Nela assomam silhuetas torturadas, envoltas em sentimentos profundamente humanos: o

tédio, que leva frequentemente à alienação, a miséria mas, também, a luta, já que ele próprio escreve como quem luta, escreve por “ser do contra” e usa a palavra como uma arma na batalha por uma sociedade mais justa. Assumindo uma postura de contestação ao regime salazarista, a sua obra foi seguida de perto pela PIDE. Na altura em que era presidente da Sociedade Portuguesa de Autores, chegou mesmo a estar preso, sem julgamento, no forte de Caxias, durante alguns meses.

Homem de múltiplos interesses, para além da literatura, esteve ligado à publicidade e ao jornalismo, colaborou em vários jornais e revistas, interessou-se pelo toureio, pelo florete, jogou futebol e chegou mesmo a ser campeão nacional de boxe.

Exerceu várias actividades ligadas ao comércio e à indústria, trabalhando como caixeiro-viajante ou vendedor de seguros.

Na sua vida pessoal, há ainda a salientar três casamentos e dois divórcios.



Cerimónia da atribuição a Manuel da Fonseca da Comenda da Ordem Militar de Sant'Iago de Espada

Espírito livre de “Maltês”, de “Vagabundo do mar” prezava acima de tudo a liberdade de seguir os seus próprios passos, de acordo com o impulso do momento, “ao sabor da maré”, a liberdade de seguir os “caminhos que só ele sabia”.

Como reconhecimento pela sua obra, em 1983, foi-lhe atribuída, pelo então presidente Ramalho Eanes, a Ordem Militar de Sant' Iago de Espada.

Morreu em Lisboa, em 1993, algum tempo depois de ter tido conhecimento de que iria ser atribuído o seu nome à Escola Secundária da sua terra Natal. ■

O escritor igual ao homem

Uma visão pessoal de Artur da Fonseca

Manuel Lopes da Fonseca, nasce em Santiago do Cacém, Alentejo, em 15 de Outubro de 1911, numa casa de rés-do-chão, defronte das Escadinhas da Senhora do Monte, com uma larga vista que corre por um grande vale até ao mar



Santiago do Cacém

"Em Cerromaior nasci.
Depois, quando as forças deram
para andar, desci ao Largo.
Depois, tomei os caminhos
que havia e mais outros que
depois desses eu sabia

E tanto já me afastei
dos caminhos que fizeram,
que de vós todos perdido.
Vou descobrindo esses outros
caminhos que só eu sei.

Vai para Lisboa ainda muito novo, onde frequenta escolas até chegar à de" Belas Artes que abandona nos primeiros anos, para se dedicar à escrita, formando com outros jovens, poetas, escritores e pintores o movimento Neo-realismo. É considerado pelos críticos do seu tempo e os de hoje, um dos maiores escritores portugueses, como poeta, contista e romancista. Passando ainda pela crónica, novela e reportagem.



Manuel da Fonseca no Bairro Alto, em Lisboa (1980) e com Urbano Tavares Rodrigues, na Casa do Alentejo, em Lisboa (1984)



Artur da Fonseca, Luís Pacheco e Manuel da Fonseca (1981)

"Eu vou-me embora para além do Tejo
não posso mais ficar!
Já sei de cor os passos de cada dia ...
Na boca as mesmas palavras
batidas nos meus ouvidos ...
-Ai, as desgraças humanas destas paisagens iguais!...
Abro os olhos e não vejo
já não ando, já não ouço ...
Não posso mais ...
Grita-me a vida de longe
e eu vou-me embora para além do Tejo,"

Rebelde por natureza luta com os seus companheiros, através da escrita e pintura a lei imposta pelo opressor que domina e reprime pela força das armas e prisões da polícia política do governo, "PIDE".

"Então
virá a miséria maior de todas
secar o último restolho de moral que em mim resta;
e eu ficarei rude como o deserto
e agreste como o restolho das altas serras,
e virá a ânsia do peito para os braços!...
.....
Domingo que vem,
eu vou fazer as coisas mais belas
que um homem pode fazer na vida!"

É preso e está alguns meses no Forte de Caxias, sem julgamento, por fazer parte do júri que atribuiu o 1º Prémio da Sociedade de Escritores, ao romance Luanda, escrito pelo escritor angolano Luandino Vieira.



O jornalista Carlos Pinhão, Manuel Apedrinha (ex-presos político do Tarrafal) e Manuel da Fonseca, na Festa do Avante (1980)

“do frio
da cela do forte
a mão acena
Por sobre o rio
do lado Norte
a mão acena por Helena.
.....
Mãos de aceno gradeado
é por nossa condição
gente de foice e arado
homens do cais pescadores
mais como nós são
nos escritórios e fábricas
dia a dia os construtores
dos dias desta nação
é por nós que a mão acena
da beira-morte de Helena
contra a mão que nos condena.”



Manuel da Fonseca entre amigos na Festa da Amizade, em Vale Verde - Santiago do Cacém (1981)

Percorre todo o Baixo Alentejo, para viver entre os camponeses, e tem o grande talento de saber ouvir os seus sofrimentos e dramas, para depois os escrever: em verso ou prosa, como ele o sabia, com as palavras certas da verdade real.

“Caminhos do Alentejo.
Terras bravias de fomes
como pontas de navalhas
em esperas de encruzilhadas!
Caminhos do Alentejo.
desde valados e sebes,
searas, vilas e aldeias
e chuvas e descampados.
(Sem manta de me abrigar,
ai, sem Maria Campaniça! ...)
Caminhos do Alentejo,
desde menino vos piso!”

Mas acima da escrita, o maior prazer era estar com amigos e gente do povo, numa conversa entre um copo de vinho e um pão com linguiça a contar as suas histórias até o Sol nascer.

Era viver, amar e ser amado.

Tu e eu meu amor
meu amor eu e tu
que o amor meu amor
é o nu contra o nu.

Nua nua a verdade
tão forte no criar
adulta humanidade,
nu o querer e o lutar
dia a dia pelo que há-de
os homens libertar
amor que a eternidade
é ser livre e amar”

É encontrado na casa onde vivia em estado de coma e levado de Santiago para Lisboa, onde faleceu no Hospital São José em 11 de Março de 1993.

“Vai vida na madrugada fria
o teu amante fica,
na posse deste momento que foi teu,
amorfo e sem limites como um anjo;
a cabeça cheia de estrelas ...
Fica abraçado a esta poeira que teu pé levantou.
Fica inútil e hirto como um Deus.
Desfalecendo na raiva de não poder seguir-te!”

Acompanhado por largas centenas de pessoas ao Castelo, à sua última morada

Chove, ninguém arredou pé; o Alentejo chorava a tua morte e ao seres sepultado, rodeado por tanto, tanto povo, confirmaste o que disseste na boca da velha Carrusca:

Digam à minha neta!...Digam que ela tem razão!...
“Um homem só, não vale nada”. ■

Artur da Fonseca (irmão do autor) - 2004

Descobrir Manuel da Fonseca

Maltês

Em Cerromaior nasci.

Depois, quando as forças deram
para andar, desci ao largo.

Depois, encontrei coisas que me encantaram
como aquela bela árvore
com um fruto amargo.

Lindos caminhos de mel
Ao longe avistei e
Vou descobrindo esses outros
caminhos que só eu sei.

Carolina Pereira e Marta Pereira – 7º A

Maltês

Em Cerromaior nasci.

Depois, quando as forças deram
para andar, desci ao largo.

Depois tomei os caminhos
que havia e mais outros que
depois desses eu sabia.

E tanto já me afastei
dos caminhos que fizeram,
que de vós todo perdido
vou descobrindo esses outros
caminhos que só eu sei.

Manuel da Fonseca, *Obra Poética*

O Vagabundo do mar

O Vagabundo do mar

Sou barco de vela e remo
sou vagabundo do mar.
Não tenho escala marcada
nem hora para chegar:
é tudo conforme o vento,
tudo conforme a maré...
Muitas vezes acontece
largar o rumo tomado
da praia para onde ia...
Foi o vento que virou?
foi o mar que enraiveceu
e não há porto de abrigo?
ou foi a minha vontade
de vagabundo do mar?
Sei lá.

Fosse o que fosse
não tenho hora marcada
ando ao sabor da maré.
É por isso, meus amigos,
que a tempestade da Vida
me apanhou no alto mar.
E agora
queira ou não queira,
cara alegre e braço forte:
estou no meu posto a lutar!
Se for ao fundo acabou-se.
Estas coisas acontecem
Aos vagabundos do mar.

Manuel da Fonseca, *Obra Poética*

Sou barco de vela e remo
sou vagabundo do mar.
Não tenho escala marcada
nem hora para chegar:
é tudo conforme o vento,
tudo conforme a maré...
E o barco que navega,
sozinho no alto mar,
numa volta virou-se,
ficou parado ao luar.
Foi o vento que virou?
Foi o mar que enraiveceu
E não há porto de abrigo?
Ou foi a vontade
de vagabundo do mar?
Nesta rota que eu sigo,
Não se pode desistir,
Batem-me as ondas no casco
E começo a partir.
Na vida há coisas assim
mas temos que continuar,
temos que navegar,
contra o vento e contra o mar.
Cara alegre e braço forte:
estou no meu posto a lutar!
Se for ao fundo acabou-se.
Estas coisas acontecem
Aos vagabundos do mar.

Rui Matos – 7º A



Os olhos do poeta

O poeta tem olhos de água para reflectirem todas as cores do
céu, da terra e do mundo,
e as formas e as proporções exactas, mesmo das coisas que os
aprendizes inventam e que os sábios desconhecem.
Em seu olhar estão as distâncias sem mistério que há entre as
ondas dos mares, o brilho ledo das estrelas,
e o movimento ululante das cidades marítimas onde se falam
todas as línguas da Terra
E os dias claros, inundados de vida, perdem o brilho nos olhos
do poeta.

Rita Santana – 11º A

Os olhos do poeta

O poeta tem olhos de água para reflectirem todas as cores do
mundo,
e as formas e as proporções exactas, mesmo das coisas que os
sábios desconhecem.
Em seu olhar estão as distâncias sem mistério que há entre as
estrelas,
e as rugas maceradas das mãos que perderam os filhos na luta
entre as pátrias
e o movimento ululante das cidades marítimas onde se falam
todas as línguas da Terra
e a luz do deserto incandescente e trémula, e os gelos dos pólos,
brancos, brancos,
e a sombra das pálpebras sobre o rosto das noivas que não
noivaram
e os tesouros dos oceanos desvendados maravilhando como
contos de fada à hora da infância
- todas as cores, todas as formas do mundo se agitam e gritam
nos olhos do poeta.
Do seu olhar, que é um farol erguido no alto de um
promontório,
sai uma estrela voando nas trevas
tocando de espoerança o coração dos homens de todas as latitudes.
E os dias claros, inundados de vida, perdem o brilho nos olhos
do poeta.

Manuel da Fonseca, *Obra Poética*



Ansiedade

Quero compor um poema
onde fremente
cante a vida
das florestas das águas e dos ventos.

Que o meu canto seja
no meio do temporal,
uma chicotada de vento
que estremeça as estrelas,
desfaça mitos
e rasgue nevoeiros
- escancarando sóis!

Manuel da Fonseca, *Obra Poética*

Ansiedade

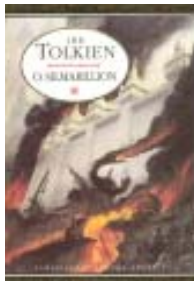
Quero compor um poema
que descreva o que mais admiro,
que fale das serras e dos montes,
das florestas das águas e dos ventos.

Que o meu canto seja
um sabor, uma verdade,
uma chicotada de vento
que estremeça as estrelas,
mova a lua e rasgue nevoeiros
- escancarando sóis!

Luís Campos – 11º A

Em destaque

Novidades na Mediateca



J. R. R. Tolkien
Silmarillion

Nesta obra o autor de *O Senhor dos Anéis* apresenta-nos um relato dos Tempos Antigos ou da Primeira Era do Mundo. Em *O Senhor dos Anéis* foram narrados os grandes acontecimentos do fim da Terceira Era. Em *O Silmarillion* as histórias provêm de um passado muito mais remoto, quando Morgoth, o primeiro senhor das Trevas, habitou a Terra Média e os Elfos Superiores o guerrearam para recuperar os Silmarils. O *Silmarillion* é o produto da fabulosa imaginação do seu autor. É uma obra em que estão presentes, sob a forma do mito e da lenda, os conflitos entre o desejo de dominar o mundo e o poder criativo que provém do desenvolvimento dos valores intrínsecos.



Dalai Lama
Ética para o novo milénio

O líder espiritual do povo tibetano apresenta, nesta obra, um sistema ético que não se alicerça no dogma religioso, mas antes no bom senso e na inteligência, e tem por objectivo ajudar cada indivíduo a encontrar a felicidade última através de uma revolução espiritual. *“É mais um apelo para reorientarmos radicalmente a nossa visão de forma a afastá-la das preocupações habituais centradas no Eu.”*



José Luís Peixoto
Cemitério de Pianos

“Porque a minha vontade tem o tamanho de uma lei da terra. Porque a minha força determina a passagem do tempo. Eu quero. Eu sou capaz de lançar um grito para dentro de mim, que arranca árvores pelas raízes, que explode veias em todos os corpos, que trespassa o mundo. [...] Eu quero. Eu sou capaz de expulsar o sol da minha pele, de vencê-lo mais uma vez e sempre. Porque a minha vontade me regenera, faz-me nascer, renascer. Porque a minha força é imortal.”



Possidónio Cachapa
Materna Doçura

Ninguém sai ileso de um grande amor. Ou da falta dele. Esta é uma história de fronteiras. E de reencontros. Os homens têm coração de mulher. Deixam-se amar em silêncio. As mulheres têm força de homens. São elas que mais fazem avançar a acção. A grande mãe preta e o irredimível solteiro amam os filhos que não tiveram. Este livro faz-se com um “M” infinito de mãe.



Alice Vieira, João Aguiar, José Fanha, José Jorge Letria, Luísa Beltrão, Mário Zambujal e Rosa Lobato Faria
O Código D'Avintes

Tudo começa em torno da trama sinistra do *Conclave dos Cavaleiros Teutónicos da Nova Ordem* que quer dominar o mundo sem olhar a meios.

Isaías Pires, professor de medicina, opositor da *Ordem*, sofre um trauma e desata a falar aramaico. Logo a seguir, começam a morrer patos e pombos por todo o lado.

De repente todos os personagens, o Anjo Gabriel, a Arminda do bar do Hospital, o doutor Fraga, a padeira de Avintes... começam a procurar antigas relíquias sagradas que podem conferir um poder indescritível àqueles que as possuírem.



A. C. Grayling
O Significado das Coisas

Sócrates afirmou que a vida sem reflexão não merece ser vivida.

A coragem, a mágoa, o amor, a morte, a esperança, a traição, a culpa, a religião, a pobreza, a depressão – reflectindo sobre a vida quotidiana e a condição humana, o autor mostra-nos, através da história fértil do pensamento filosófico, como pode ser instrutivo e exaltante procurar compreender o que a vida significa e nos reserva.

Este é um livro extremamente estimulante, um guia inestimável daquilo que é verdadeiramente importante na vida, quer nos deparemos com o sucesso, o fracasso, a paixão, a intolerância, o amor, a perda ou qualquer outra das experiências profundas da existência.”